Fariseus

# Nome

vrp = *dividir em seções*, *separar* (hebraico, aramaico).

Os *fariseus* = os *separados* de outros, a fim de evitar, como comunidade santa de Deus, qualquer contato com algo *impuro*.

# História

O início dos *fariseus* dá-se na época dos *macabeus* (167-37 a.C.). 1Mc 2,42 menciona os *assideus*, *um grupo devoto à Lei* [~ydIysix] = *fiéis*, *leais*]. Este grupo divide-se, em torno de 150 a.C., em *fariseus* e *essênios* (Qumrã).

Contudo, os *fariseus* entraram, no decorrer do tempo, em conflito com os *asmoneus* (= *macabeus*). Afinal, somente queriam viver de acordo com as leis mosaicas. Os macabeus, porém, ao terem conseguido a liberdade religiosa, cultivaram seus interesses políticos. Os *fariseus*, no entanto, desaprovaram-nos. Por isso, foram perseguidos.

**Membros**: alguns sacerdotes, mas, sobretudo, leigos como artesãos, agricultores, mercadores, seja na cidade, seja no campo. Os líderes eram *escribas*. Flávio Josefo fala de 6000 membros.

# Interesses religiosos

- Formação de comunidades fixas, nas quais podia viver de acordo com as leis.

- Observação dos mandamentos referentes à pureza cúltica e ao dízimo (a pureza não devia ser apenas dos *sacerdotes* e *levitas*, mas valer também para os *fariseus* no dia-a-dia) [cf. Mc 7,1-5; Lv 27,30-33; Nm 18,21-24; Mt 23,23 = Lc 11,42].

- Jejum voluntário (Lc 18,12).

- Constante agradecimento a Deus (Lc 18,11).

- Honrar os túmulos dos profetas e, com isso, a tradição.

- Manter distância aos *publicanos* e *pecadores*, por exemplo, as prostitutas (Lc 15,2; Mc 2,14-17).

- Além da Torá escrita, observam a Torá oral (= *a tradição dos antigos*) [Mc 7,3].

- Fé na ressurreição dos mortos (At 23,8).

- Cultivo da esperança messiânica: caso o povo vivesse de forma pura, o Filho de Davi poderia chegar.

Saduceus

Os *saduceus* desapareceram com a destruição do Templo de Jerusalém, no ano de 70 d.C. Por isso, quase não tem notícia direta deles.

**Nome**: O nome dos *saduceus* vem do *Sadoc* [qwOdc], sacerdote instalado pelo rei Davi (cf. 1Rs 2,35). Quando o profeta Ezequiel descreve sua visão do Templo (Ez 40‑48), os *filhos de Sadoc* são os *sacerdotes que fazem o serviço do altar* (cf. Ez 40,46), aos *sacerdotes levitas, da família de Sadoc* (cf. Ez 43,19; 44,15), *sacerdotes consagrados dentre os filhos de Sadoc* (cf. Ez 48,11).

**História**: Após o exílio babilônico, os *saduceus* eram decisivos na reconstrução do Templo. Foram os sacerdotes legítimos para prestar os serviços no Templo. Surgiu um maior conflito entre os *saduceus* quando os macabeus ocuparam o lugar dos sumo-sacerdotes, embora não tinham mesma origem – não eram da tribo de Levi, muito menos descendentes de Sadoc. Alguns dos saduceus estavam dispostos a colaborar com os macabeus. Outros não. Estes últimos juntaram-se ao *mestre da justiça*, a fim de sair de Jerusalém e morar na comunidade em Qumrã.

Em princípio, os sacerdotes saduceus vinham das famílias aristocráticas. Eram conservadores e realistas, normalmente dispostos de arranjar-se com as circunstâncias políticas.

**Interesse religioso**:

- observância da Tora, sem prestigiar a tradição oral;

- há escribas entre os saduceus;

- não acreditam na ressurreição (Mc 12,18-27);

- observam rigidamente o sábado;

- os sumo-sacerdotes colocam os governantes em sua função (veja, por exemplo, Herodes);

- querem diminuir a antipatia do povo em relação aos romanos: são contra os interesses dos zelotas e o pensamento hostil dos fariseus em relação aos ocupadores.

Escribas

**Esdras** (em 398 a.C., chega a Jerusalém, no sétimo ano do governo de Ataxerses II): um *sacerdote-escriba* (Esd 7,11), *um escriba das palavras dos mandamentos do Senhor e das prescrições dele para Israel* (Esd 7,6), um *escriba hábil no ensino de Moisés*.

A Mishná (coleção das leis válidas [= halacot], 150-200d.C.) fala dos “homens da sinagoga grande”, fundada por Esdras (Abot I,1), dando-se origem à sequência dos *escribas*. Há notícias sobre *escribas* com seus nomes a partir do século II a.C.

Há uma formação da classe dos *escribas*, sobretudo, no encontro com o helenismo, com o interesse de cultivar a vida segundo as próprias tradições. Todavia, era importante estudar a Torá com métodos novos. Neste sentido, foi desenvolvido o diálogo escolar: pergunta do aluno, outra pergunta do mestre, resposta ou outra pergunta do aluno, resposta do mestre (cf. Lc 10,25-37).

Os nomes dos *escribas* sábios se tornavam célebres. Foram chamados de “sábios”, “mestres” ou “pessoas que ensinam as leis”.

Como as leis abrangem toda a vida, os *escribas* não decidiam apenas questões teológicas, mas também jurídicas. Por isso, eram muito reconhecidos.

Somente o conhecimento podia levar alguém a ser *escriba*. Entre os *escribas*, havia alguns sacerdotes e membros de famílias nobres, mas também pessoas de todas as classes (mercadores, artesãos, até prosélitos). Cada *escriba* cuidava de sua sobrevivência econômica.

Em torno dos *mestres* famosos, juntavam-se grupos de alunos. O aluno pedia ser aceito pelo *mestre* (Jesus, por sua vez, chama os *discípulos*). O mestre ensinava sentado (cf. Mt 5,1), o aluno sentava aos pés dele (cf. At 22,3). Após o fim dos estudos, o *mestre* declarava o aluno um dos sábios, colocando as mãos sobre ele. Assim tornava-se membro da corrente reconhecida pela tradição, a qual procurava suas origens em *Moisés*. Como *mestre*, recebia o título *rabi* (Mt 23,7s). Vestia a *túnica cumprida* do *sábio* (Mc 12,38), ocupava um lugar de honra na sinagoga, ou seja, a cátedra de Moisés (Mc 12,39). E o povo o cumprimentava (Mc 12,38).

No tempo de Jesus, Hillel e Shammai eram os dois escribas mais conhecidos. As decisões de Hillel eram mais suaves (veja o caso do *divórcio* e a importância de uma carta do divórcio, cf. Dt 15,9). Gamaliel era aluno de Hillel (veja At 5,34-39), visto também como *mestre* de Paulo (At 22,3).

Após a destruição do Templo, Rabi Jochanan Bem Zakkai recebeu a permissão dos romanos de fundar uma nova escola em Jabne (= Jamnia). Novamente, formou-se um *sinédrio*, esta vez apenas por escribas marcados pela tradição de Hillel. Estes orientaram a continuação do judaísmo.

Anciãos

Desde o nascimento do povo de Deus (= Israel), perpassando todos os períodos, observa-se a presença de *anciãos* como representantes da comunidade ou sociedade. Até nas comunidades cristãs do século I estão presentes. De certo, tiveram funções e importância bem diferentes. Antes das tradições bíblicas, textos da Mesopotâmia já falam de *anciões*, sendo estes últimos, sobretudo, representantes de e nas cidades. A idade, provavelmente, não seja tão decisiva para ser um *ancião*. Muito mais, o título *ancião* refere-se à função, ao poder ou a honra que alguém tem. Em hebraico, a palavra *ancião* (!qez) é ligada à palavra *barba* (!qz). Mesmo assim, mulheres podem ter feito parte do grupo dos *anciãos*.

Na época dos juízes, os *anciãos* formam um grupo de liderança nas cidades (cf. Jz 8,14.16; 11,5). No período da monarquia, os *anciãos* são uma parte central da classe alta que carrega o estado (Is 3,1-2). Além disso, têm uma função importante no judiciário (cf. 1Rs 21,8). A crítica dos profetas, por sua vez, refere-se aos *anciãos* como quem participa da exploração dos pobres (Is 3,14). De outro lado, no projeto de reforma constitucional do Deuteronômio, os anciãos, novamente, assumem uma função importante (cf. Dt 19,12; 21,2ss.19s; 22,15ss; 25,7ss). No período do exílio babilônico, os anciãos são os representantes mais importantes dos grupos exilados (cf. Ez 8,1; 14,1; 20,1.3; Jr 29,1). Também ao se reconstruir a sociedade após o exílio babilônico, os anciãos estão envolvidos: veja o relato sobre a reconstrução do Templo (Esd 5,5.9; 6,7s.14) ou durante a atuação de Esdras (Esd 10,8.14). No período do helenismo, a administração da pequena Judá autônoma é realizada pelos *sacerdotes* e pelo conselho dos *anciãos*. Este último transformar-se-á depois no assim chamado sinédrio, que reúne *sacerdotes* e *anciãos* leigos.

No Novo Testamento, os *anciãos* (*presbuteroi*) são lembrados, de um lado, como fazendo parte das lideranças no povo judeu. De outro lado, funcionários nas comunidades cristãs recebem o título de *ancião*. Tais *anciãos* existem tanto em Jerusalém como na diáspora. Assumem importância na organização da estrutura das comunidades. Embora Paulo não use essa terminologia, nas Cartas Pastorais aparecem os *anciãos* na função de líderes (cf. 1Pd 5,1; Tt 1,5; 1Tm 4,14; 5,17.19; Ap 14,23; Tg 5,14).

Enfim, desde antigamente, *anciãos* representam o povo em sua relação com Deus (cf. Ex 24,9-11).

Sinédrio

Trata-se do Grande Conselho, ou seja, do Senado do povo judeu. É o supremo corpo de governo judicial. O ***sinédrio*** compreende *sumos sacerdotes* (= as famílias sacerdotais dominantes), os chefes de família da aristocracia (*anciãos*) e os *escribas*. São setenta, mais o sumo sacerdote que o preside.